

Calvino sobre as Últimas Coisas

W. Gary Crampton

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

Escatologia é o estudo da doutrina das “últimas coisas” (do grego *eschatos*, significando “último”). Este estudo é normalmente subdividido em escatologia individual (ou pessoal) e geral (ou cósmica). A primeira examina o fenômeno da morte e o estado intermediário, como se aplica aos indivíduos. A última estuda aqueles eventos que haverão de ocorrer no final da história humana; ela inclui o milênio, a ressurreição geral e julgamento, e o estado eterno.

A visão de Calvino da escatologia (tanto pessoal como geral) está inextricavelmente relacionada com seu conceito de história. Ela é uma visão dinâmica da história na qual o soberano e predestinador Deus da Escritura está ativamente envolvido, não somente criando todas as coisas, mas também providencialmente trazendo tudo da história ao seu destino apontado (*Institutas* I:16:3). Com a primeira vinda de Cristo e o irrompimento da primeira fase do seu Reino na história, Deus reuniu todas as coisas (*Comentário sobre Efésios* 1:9-10). Agora, como aquela grande pedra que Daniel previu (2:31-45), o Reino de Cristo está progressivamente rolando adiante, esmagando os outros reinos mundanos, até que alcance seu estado último na glória. Este Reino não terá fim (*Comentário sobre Daniel* 2:31ss). ¹ Assim, podemos dizer que a escatologia de Calvino é predominantemente Cristocêntrica. Para ele, a mensagem de Cristo é o centro de toda Escritura.

Escatologia Individual

O homem foi criado reto por Deus. Se Adão não tivesse pecado, ele teria vivido para sempre. Mas na queda, o homem, em Adão, perdeu este *status*. O corpo agora deve passar pela morte física, e a alma, que é imortal, pela morte espiritual (isto é, a separação da graça de Deus) (*Comentário sobre Gênesis* 2:16-17; *Romanos* 5:12ss).

A morte, portanto, não é natural para o homem. Ela é a maldição de Deus sobre a desobediência. Contudo, para os crentes a maldição foi removida. Eles ainda devem morrer, mas morrem em Cristo, que recebeu a maldição no lugar deles (*Comentário sobre Mateus* 26:36-39; *Hebreus* 2:15). A morte, então, para o cristão, é um inimigo vencido. Em fé ele pode enfrentar a morte, entendendo sua maldição e reconhecendo-a como um julgamento sobre o pecado; todavia, em Cristo, ele pode encará-la (e até mesmo anelar a morte [*Institutas* III:9:4]) como uma bênção a ser desejada. ²

¹ Veja David E. Holwerda, “Eschatology and History”, *Readings in Calvin’s Theology*, Donald K. McKim, editor, 311-314.

² Ronald Wallace, *Calvin’s Doctrine of the Christian Life*, 266.

Na morte, o corpo do homem retorna ao pó, vê a corrupção e se decompõe, mas a alma, o homem em si, entra no estado intermediário e permanece consciente. Aqui há uma vasta diferença entre o cristão e o não-cristão. Comentando sobre a parábola de Jesus sobre Lázaro e o homem rico, Calvino escreveu:

A verdade geral transmitida é que as almas dos crentes, quando deixam os seus corpos, desfrutam de uma vida alegre e bendita fora deste mundo, e que para o réprobo, há terríveis tormentos preparados, que não podem ser mais concebidos pelas nossas mentes do que a glória sem limites dos céus [*Comentário sobre Lucas 16:23*].

A exegese de Calvino da parábola sobre Lázaro e o homem rico também condena, quer explícita ou implicitamente, a reencarnação, o sono da alma, o aniquilacionismo e a imortalidade condicional (*Comentário sobre Lucas 16:19-31*). Como observado num capítulo anterior, a primeira obra teológica importante de Calvino, *Psychopannychia*, ensinava a imortalidade da alma e refutava as falsas doutrinas mencionadas acima.

Como visto, o estado intermediário é um “sem corpo”. A Bíblia vê esta condição incorpórea como temporária, embora ela possa durar milhares de anos, muito mais do que a vida de alguém sobre a Terra. O estado eterno será um no qual os homens terão novamente corpos; eles terão “os mesmos corpos [glorificados]... que serão unidos novamente às suas almas para sempre”³ (*Comentário sobre 2Coríntios 5:1-2; Institutas III:25:1-7*). Calvino, em seu *Comentário sobre 2Coríntios 5:4*, declarou que as almas dos crentes estão agora “quietas num corpo como numa prisão... no qual elas não podem desfrutar a verdadeira e perfeita felicidade”. Mas nossos corpos glorificados, diz Calvino, serão como mansões, não prisões.

No estado intermediário, tanto os crentes como os incrédulos esperam a ressurreição final e geral, bem como o julgamento, que ocorrerão no segundo advento de Cristo. É neste dia que “os corpos dos injustos serão pelo poder de Cristo ressuscitados para a desonra, os corpos dos justos serão pelo seu Espírito ressuscitados para a honra e para serem semelhantes ao próprio corpo glorioso dele”.⁴ Este estado dos justos será muito mais glorioso do que aquele do estado intermediário, enquanto que o estado dos injustos será ainda mais terrível (*Institutas III:25:1-12; Comentário sobre Mateus 25:31-46*).

A doutrina de Calvino de escatologia pessoal levou-o a gastar muito tempo meditando sobre a vida futura. Ao assim meditar, o cristão aprende não somente a viver bem, mas a morrer bem. Ele escreveu: “Somos de Deus; portanto, vivamos e morramos para ele. Somos de Deus: que todas as partes da nossa vida se polarizem para ele como nosso fim legítimo” (*Institutas III:7:1*).

³ Confissão de Fé de Westminster, XXXII:2.

⁴ Confissão de Fé de Westminster, XXXII:3.

Escatologia Geral

De acordo com Calvino, a Bíblia ensina que em seu primeiro advento, Jesus Cristo estabeleceu seu Reino mediatório. Todavia, a Bíblia também ensina que há um aspecto futuro para o seu Reino, que será manifesto na segunda vinda.

Enquanto a Antigo Testamento via o Reino vindouro como um todo indiviso, o Novo Pacto revela que há dois estágios. A primeira fase é o Reino da graça, a segunda o Reino de glória (*Comentário sobre Isaías 2:2-4; 65:17; Mateus 25:31*).

Em princípio, o mundo já foi redimido. Mas a expulsão completa do mal espera o retorno de Cristo em glória. A história entrou em seus dias finais no primeiro advento. O tempo da consumação das eras começou. Todavia, há ainda o estado final vindouro – “os últimos dias”. Nós vivemos agora na “presente era”, e aguardamos a “era porvir”.

No período entre a primeira e segunda vindas de Cristo, a igreja está desempenhando a grande comissão de *Mateus 28:18-20*. O Reino de Deus está avançando; os inimigos de Cristo estão sendo subjugados sob os seus pés pela obra da sua igreja. Este crescimento do Reino, de acordo com Calvino, está fazendo grande progresso em direção da renovação do mundo todo. Mas isto não ocorrerá plenamente até o Reino de glória (*Comentário sobre Mateus 24:29; Lucas 17:20*).⁵

Calvino é citado tanto por advogados do pós-milenismo como do amilenismo. Ele condenou a doutrina dos “quiliastas”, (“aqueles que atribuem aos filhos de Deus mil anos para a beatitude da vida futura”) como “tão frívola e pueril que não seria preciso refutar, e nem merece isso” (*Institutas III:25:5; veja também Comentário sobre 1 Tessalonicenses 4:17*).

Alguns pós-milenistas têm chamado a visão milenar de Calvino de “pós-milenismo incipiente”. Outros se referem a ele como um amilenista “otimista”. De um lado, o Reformador, num sermão sobre *Isaías 52:13-53:1*, negou categoricamente que o mundo seria alguma vez plenamente cristianizado antes da segunda vinda. Nem ele ensinou que *Romanos 11* requer uma conversão futura dos judeus (*Comentário sobre Romanos 11:11ss.*). Por outro lado, ele era muito otimista com respeito ao crescimento do Reino. De fato, a segunda geração de Reformadores, e a maioria avassaladora dos Puritanos, seguindo o otimismo de Calvino, se tornaram fortes defensores do pós-milenismo.

Este otimismo com respeito ao crescimento do Reino pode ser encontrado em vários comentários. Sobre o *Salmo 47*, Calvino alega que o Reino de Cristo deve crescer até o ponto em que todas as nações sejam incluídas. O mesmo é verdadeiro de sua exposição sobre o *Salmo 72*. Todavia, diz o Reformador, sempre haverá oposição ao Reino (*Comentário sobre Salmo 110:1*). Logo antes da segunda vinda de Cristo haverá uma grande apostasia.

⁵ Wallace, 79-80; Ian Murray, *The Puritan Hope*, 40.

Como declarado no começo, no fim da presente era, Cristo virá novamente, ressuscitará toda a humanidade e se sentará como juiz das nações (*Comentário sobre Mateus 25:31ss*). Naquele dia, os justos serão ressuscitados para uma ressurreição de felicidade completa, mas os injustos serão ressuscitados para desonra. As ovelhas e os bodes serão separados. Este dia é a “esperança bendita” de todos os cristãos, mas é o dia quando todos os ímpios serão finalmente “cortados” até mesmo dos dons não-salvíficos de Deus, que experimentaram na presente era. A ira terrível de Deus será a eterna sorte deles (*Institutas III:25:1-12*).

Calvino, com todos os Reformadores e muitos Puritanos, ⁶ mantinha que o papado era o Anticristo mencionado por Paulo em *2 Tessalonicenses 2*. Vários dos imperadores Romanos do passado, e outros, tinham sido Anticristos num sentido, mas o “Anticristo” era o papado. E, disse Calvino, a igreja do século dezesseis está testemunhando o cumprimento da profecia de Paulo com os seus próprios olhos. Todavia, o Reformador esperava um maior sucesso do Evangelho antes da segunda vinda de Cristo. Assim, ele ensinou que a Palavra de Deus teria grande sucesso em sobrepujar o poder papal, mas a total eliminação da força do Anticristo não ocorreria até a segunda vinda de Cristo, imediatamente após um tempo de grande apostasia dentro da igreja (*Comentário sobre 2 Tessalonicenses 2:3-11*).

Embora Calvino não sustentasse a doutrina do retorno imediato de Cristo, ele ensinou que uma vida vivida com um foco constante no segundo advento preveniria a apatia e a ociosidade no cristão (*Comentário sobre 2 Pedro 3:9-10*). Ele escreveu: “... aceitando que foi por uma revelação especial que ele [Paulo] sabia que Cristo retornaria de certa forma num tempo futuro, foi, todavia, necessário que esta doutrina [a segunda vinda de Cristo] fosse entregue à igreja em comum, para que os crentes pudessem estar preparados em todos os tempos” (*Comentário sobre 1 Tessalonicenses 4:5*). Aqui, uma vez mais, Calvino antecipou as visões dos teólogos de Westminster, que mantinham que:

Assim como Cristo, para afastar os homens do pecado e para maior consolação dos justos nas suas adversidades, quer que estejamos firmemente convencidos de que haverá um dia de juízo, assim também quer que esse dia não seja conhecido dos homens, a fim de que eles se despojem de toda confiança carnal, sejam sempre vigilantes, não sabendo a que hora virá o Senhor, e estejam prontos para dizer – “Vem logo, Senhor Jesus”. Amém. ⁷

Fonte: *What Calvin Says*, W. Gary Crampton, Trinity Foundation, p. 129-135.

⁶ *Confissão de Fé de Westminster*, XXV:6; edição de 1647.

⁷ *Confissão de Fé de Westminster*, XXXIII:3.